

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## O COMÉRCIO INTERNACIONAL DO ESTADO DO AMAPÁ: CONDIÇÕES, CONSTRUÇÕES E ADAPTAÇÕES

*Gutemberg de Vilhena Silva*

*Jadson Luís Rebelo Porto*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 30: 71-81, out., 2006.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37484/24230>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



**Portal de Periódicos  
UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - out., 2006

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## O COMÉRCIO INTERNACIONAL DO ESTADO DO AMAPÁ: CONDIÇÕES, CONSTRUÇÕES E ADAPTAÇÕES.

Gutemberg de Vilhena Silva<sup>1</sup>

Jadson Luís Rebelo Porto<sup>2</sup>

### Resumo

O trabalho aqui exposto estuda alguns comportamentos econômicos do Estado do Amapá, no período de 1990 a 2004, analisando avanços e recuos apresentados por sua balança comercial. Foram identificados os principais atores (empresas) e produtos que influenciaram nos seus saldos comerciais, que para este Estado foram superavitários em todos os anos avaliados, e feitas algumas considerações, tais como: histórico, mudanças e adaptações pelas quais o Amapá passou neste período; principais mercados internacionais de destino e origem dos produtos; assim como a importância destes objetos para a balança comercial. Ainda como destaque, algumas ações públicas no sentido de maximizar as relações comerciais internacionais deste Estado passaram por reflexões. Como metodologia optou-se por uma avaliação quantitativa do que representou os valores gerados pelas trocas comerciais, mensurando sua importância no contexto regional. Dentro da abordagem do tema, notou-se que poucas empresas e produtos foram responsáveis pelos seus saldos comerciais.

**Palavras-chave:** Amapá; Balança Comercial; Relações Internacionais.

INTERNATIONAL BUSINESS OF AMAPÁ STATE: CONDITIONS, FACILITIES AND ADEQUANCY

### Abstract

*The current work studies some economic behaviors in the state of Amapá, from 1990 to 2004, analyzing the oscillation in the balance of trade. The main actors (companies) and products that somehow influence the commerce balance were identified, as well as the reasons for surplus in all the assessed years. Some considerations on history, changes and adequacy of the state of Amapá were made. Special attention was given to some of the public actions towards optimizing the International commercial relations of the State. The methodology used was the quantitative assessment, in search of the meaning of the values generated during the trade, measuring its importance in the regional context. The study showed that few companies and products were responsible for the changes in commercial balance.*

**Keyword:** Amapá, Balance of Trade, International Affairs.

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia/Análise Territorial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. . Email: [bgeografo@yahoo.com.br](mailto:bgeografo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Professor do curso de Arquitetura da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [jadsonporto@unifap.br](mailto:jadsonporto@unifap.br) Site <http://jadsonporto.sites.uol.com.br/Geografo.htm>

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORO ALEGRE	N.º 30	P. 71-81	OUT. 2006
-----------------------------------	-------------	--------	----------	-----------

## 1. Introdução

Uma das principais características da globalização é a intensificação das transações comerciais entre empresas de diferentes países promovidas, em grande escala, pelas sucessivas inovações que passaram a integrar o espaço mundial, notadamente nas áreas de informática e telecomunicações, sobretudo a partir das duas últimas décadas do século passado. O que as empresas geram ou perdem nas trocas comerciais são indicados nos dados fornecidos pelos Estados, regiões ou seus respectivos países ao órgão competente. No Brasil o principal catalogador e fornecedor destas informações é o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, MDIC.

Em meio a esta organização das empresas, existem formas de se verificar o nível de competitividade de um país. Um destes mecanismos é avaliar a posição de cada Estado-Nação na Divisão Internacional do Trabalho, DIT, reflexo direto das transações comerciais internacionais destes países. Uma das características apresentada pela DIT é mostrar a especialização de cada nação com base na sua corrente de comércio, seja matérias-primas, semi-elaborados ou de utilização final (ROSSETI, 2002, p. 886). Neste contexto, é perceptível que aqueles que se enquadraram na venda de *commodities* e compra de industrializados, saem desfavorecidos nesta relação. Outro fator evidenciado na venda de produtos primários é o impacto que esta ação pode trazer ao meio ambiente, caso seja de forma descontrolada e insustentável (caso da Indústria e Comércio de Minérios S/A -ICOMI, no Estado do Amapá) (SILVA, 2006a).

Os países internamente também possuem uma divisão espacial do trabalho. No Brasil a que possui o parque industrial mais dinamizado e relações multilaterais mais efervescentes é a Sudeste, enquanto que uma das menos participativas na corrente de comércio nacional é a região Norte, que desde sua integração as demais brasileiras, na segunda metade do século passado, foi condicionada ao fornecimento de matérias-primas aos centros internacionais, sobretudo com a implantação dos grandes projetos (Complexo do Jarí, Trombetas, Albras, Alunorte e Grande Carajás), principal objetivo do II Plano Nacional de Desenvolvimento, II PND. O único Estado em que o ramo industrial é o principal setor desta região é o Amazonas. Para este Estado foi destinado uma Zona Franca localizada em sua capital, Manaus, recebendo incentivos fiscais federais. As empresas Nôkia, Moto Honda, LG e Yamaha são algumas das empresas montadoras deste Estado. Um ponto a ser levantado é que o Amazonas, em decorrência de seu parque industrial, foi o principal importador regional, pelo menos nos anos avaliados (1990-2004). Por conta desta condição seus valores determinaram os contornos das importações de toda a região Norte. A partir de 2000 os principais produtos importados foram tubos catódicos, LCD e peças para motocicletas e microcomputadores. Suas exportações giram em torno de terminais portáteis para celulares, motocicletas e microcomputadores (SILVA, 2005).

O Estado do Amapá é um exemplo da exploração amazônica sobre a considerável ação do capital internacional, em que empresas multinacionais se instalaram neste Estado e retiraram os recursos naturais sem, em grande escala, preocupações sociais e ambientais, como foi o caso da ICOMI (SILVA, 2006ab).

## 2. Comércio exterior amapaense

### 2.1 Principais empresas exportadoras do Amapá

A primeira exploração visando atender os centros internacionais se deu na década de 1950 com a empresa Indústria e Comércio de Minérios, ICOMI S/A, sendo criada com o objetivo de explorar as reservas de manganês existentes na mina localizada no atual Município de Serra do Navio (AP). Em decorrência da união entre a ICOMI e a norte-americana bethlehem steel company surgiu o grupo CAEMI (Companhia Auxiliadora de Empresas de Mineração), respondendo pelo interesses comerciais das duas empresas (BRITO<sup>3</sup>, 1994, p. 57 apud PORTO, 2003, p. 122) até a saída da multinacional da sociedade, em 1986, para investir em Carajás.

Um ponto a ser levantado sobre a ICOMI, é que a exportação do manganês, no Amapá, contribuiu para a criação de mecanismos estruturais visando a exploração das potencialidades minerais da Amazônia sob a considerável ação do capital internacional (uma estrada de ferro e um porto no caso do estado do Amapá). Além disso, ampliou as discussões sobre a participação desta região no mercado mundial como fornecedora de matérias – primas, no pós 2<sup>a</sup> guerra (PORTO, 2003, p. 22).

Outra empresa que se destacou nas exportações estaduais foi a Amapá Florestal e Celulose, AMCEL S/A, com o fornecimento de cavacos de pinus e eucalipto para os centros internacionais<sup>4</sup> retirados do cerrado amapaense. As exportações iniciaram no ano de 1993 com a inauguração da fábrica de processamento localizada no Município de Santana (próximo ao porto de exportação). Até 1996 quem respondia pelos interesses desta empresa era a CAEMI, a partir deste ano a Amcel passou a pertencer ao grupo norte-americano Champion International Corporation, iniciando aqui troca de cultura do pinus para o eucalipto por questões de mercado. Em 2000 a Champion foi incorporada pela multinacional International Paper, com isso está última passou a deter os direitos sobre a Amcel. Segundo Porto (Ibid., p. 134), em função desta aquisição a International Paper se tornou a maior empresa de papel e produtos tropicais do mundo. Atualmente com a troca de cultura bem avançada, as exportações de cavacos de

<sup>3</sup> BRITO, Daniel Chaves. **Extração mineral na Amazônia**: a experiência da exploração de manganês na Serra do Navio no Amapá. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará; Núcleo de Altos Estudos Amazônico, Pará, 1994.

<sup>4</sup> O mercado japonês utiliza principalmente os cavacos da tora de fibra longa (pinus), ao passo que o norte-americano o de fibra curta (eucalipto). Com a troca de cultura em 1996, em função da mudança de principais mercados de destino (Japão para EUA), as exportações da Amcel declinaram, posto que até o momento da retirada da madeira são necessários pelo menos 06 anos.

eucalipto estão aumentando. Acrescente-se ainda que 90% das exportações estaduais, em valores negociados, são desta empresa. Um dos motivos para isso é a inexistência de venda de produtos industrializados ao exterior, condição esta apresentada por grande parte dos Estados Nortistas (inexistência de indústrias modernas)

Uma das atividades que se iniciou próximo da estadualização amapaense (1988) foi a exportação da cromita (minério de cromo) pela Companhia Ferro ligas do Amapá, CFA. Em 1997, com a saída da ICOMI, responsável pela instalação da CFA, o grupo norueguês Elken Asa passou a deter os direitos minerários da CFA, através de sua subsidiária, a Mineração Vila Nova Ltda, MVN. A exploração de cromita é feita no município de Mazagão (Ap). Em 2002 ocorreu o esgotamento das minas a céu aberto que a MVN explorava, sendo que em 2003 tem início a exploração de mina subterrânea, voltando a se registrar exportações no ano de 2004 pela MVN. O Brasil é o único país americano que extraí este tipo de minério, sendo que o principal exportador de todo o continente é o estado do Amapá.

Os anos de 1990 e 1991 foram parte do período correspondente ao da garimpagem industrial (ouro) da mineração Novo Astro S.A, Yukio Yoshidome S.A e também da Água Boa LTDA. A Mineração Novo Astro instalou-se na comunidade de São Lourenço (Calçoene), em 1983, encerrando suas atividades em 1995. A Yukio Yoshidome instalou-se em Labourrie (Calçoene) em 1989, encerrando suas atividades em 1992. A mineração Água Boa LTDA, situa-se na divisa dos Municípios de Mazagão e Pedra Branca do Amapari. A história desta última mencionada está relacionada às pesquisas de levantamento de cromo pela ICOMI no início da década de 1980. Extraí o ouro do rio Vila Nova (Mazagão)(Ibid., p. 138-39). As duas primeiras mencionadas finalizaram suas atividades em função, dentre outros fatores, da exaustão das minas por eras exploradas.

Outra empresa que se destacou neste período (1990-2004) foi a Amazon Comercial Importadora e Exportadora Ltda. Esta empresa foi fundada em 1986 tendo por objetivo a produção e exportação de palmitos em conservas. Convive com vários problemas (logística, políticas protecionistas, dentre outros) que impedem aumentar sua cultura exportadora.

As empresas Stuart Pescados e Equatorial Pesca atuaram nas exportações de camarões congelados, notadamente no primeiro quinquênio de 1990. Os registros de suas exportações vão até o ano de 1997, sendo que um dos motivos inferidos foram os impactos ambientais apresentados pela pesca de arrastão, culminando com constantes sobre pesca. O principal país comprador do camarão amapaense foi o Japão. A Tabela 1 mostra o inicio das exportações das principais empresas do estado do Amapá.

Ano	Empresa	Exportação	Local da atividade
1957	Industria e Comércio de Minérios S.A - ICOMI	manganês	Serra do Navio
1980	Água Boa LTDA	ouro	Mazagão e Pedra Branca do Amapari
1983	Novo Astro S.A	ouro	Calçoene (São Lourenço)
1986	Amazon Comercial	palmito	Santana
1988	Companhia Ferro Ligas do Amapá - CFA	minério de cromo	Mazagão
1989	Mineração Yokio Yoshidome	ouro	Calçoene (Labourrie)
1993	Amapá Florestal e Celulose S.A - AMCEL	cavacos (pinus e eucalipto)	Ferreira Gomes e Porto Grande
-	Equatorial Pesca e Exportação LTDA	camarões congelados	Costa do Amapá
-	Stuart Pescados e Associados LTDA	camarões congelados	Costa do Amapá

Tabela 1 - Início das exportações das principais empresas amapaenses

## 2.2 Principais empresas importadoras do Amapá

Por outro lado, existem as empresas importadoras, em sua grande maioria criadas a partir da implementação da Área de Livre Comércio de Macapá e Santana, ALCMS, em 1992. A criação da ALCMS possibilitou a abertura de um leque de oportunidades e perspectivas de negócios para a economia do Estado, tendo em vista as vantagens oferecidas pelos incentivos fiscais federais constantes do Decreto nº 517 de 1992 que regulamentou a ALCMS, como Isenção de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Capitais, ICMS. Entretanto, a partir de 1995 o Governo Federal, com justificativa de minimizar o déficit na balança comercial nacional, limita a entrada de mercadorias importadas. Nos anos de 1994 a 1996 a região Norte conviveu com as suas maiores taxas de importação da década de 1990, motivando tal política da administração federal (contingenciamento de produtos). Estava previsto no documento que regulamentou esta Área de Livre Comércio, ALC, a finalização dos incentivos fiscais no ano de 2005. Entretanto, em reunião de dirigentes de todas as unidades da federação, ficou acordado a sua manutenção até o ano de 2008. Dentre as empresas compradoras de produtos internacionais para abastecer esta ALC, destaque para a freqüência das compras de: Prodam, Compuservice, Tom Importadora Ltda, Importadora Alfa, Dn Ferreira Lima e Top Internacional. (SILVA, 2005, SILVA, 2006b)

Nos anos estudados outra empresa que se destacou nas compras do exterior foi a Petrobrás. Suas importações foram de gas-óleo oriundos da Venezuela. A partir de 2003 não foi mais registrado a compra deste produto do exterior. A Eletronorte foi outra empresa que teve uma quantidade expressiva de valores negociados com o exterior em momentos pontuais (1997 e 1999 principalmente). Essa empresa foi criada em 1973 a fim de ampliar a infra-estrutura de eletricidade nos Estados da “AMAZONIA LEGAL” e favorecer o desenvolvimento regional, sendo instalada no Amapá em 1974. A partir deste ano a administração do fornecimento de energia do Amapá foi composta por duas áreas, uma administrada pela Companhia de Eletricidade do Amapá, CEA, e a outra pela Eletronorte (PORTO, 2003, p. 127).

Com a transformação do Amapá, de território para Estado Federativo (1988), ocorreram algumas mudanças e adaptações nas suas trocas comerciais. No primeiro aspecto, seu comércio com o exterior continuou pautado nas exportações de *commodities*, entretanto o manganês deixa de ser o principal produto na pauta após 1995, depois de aproximadamente 40 anos no topo, para configurar-se o remetimento de cavacos pela empresa AMCEL. Enquanto que no segundo, o Amapá foi influenciado basicamente pelas compras de combustíveis, perfumes e máquinas para complementar a geração de energia, além da quantidade considerável de produtos variados para abastecer a ALCMS.

### *2.3 Principais produtos importados do Amapá*

Nas importações, a balança comercial do Amapá foi influenciada, no biênio de 1990 a 1992, principalmente pela compra de 03 geradores russos e 01 aparelho de raios-X (Ibid., p. 162). De 1993 a 1995 o que movimentou o comércio exterior deste Estado foi a compra de produtos como instrumentos musicais, aparelhos ópticos, brinquedos e enfeites de natal para abastecer a ALCMS, a partir de então sofre com o contingenciamento até 2000.

A partir de 1996 as compras de combustíveis passaram a determinar grande parte do movimento das importações até 2004. Em segundo lugar no ranking das importações se destacou água de colônia, tendo ápice em 1999. Nos anos de 1997 e 1999 o que influenciou sobremaneira as importações foram as compras de 04 máquinas da Finlândia. Estas compras foram adquiridas pela Eletronorte, e tiveram por escopo complementar a geração de Energia deste Estado, fato que tem haver com o crescimento de certa forma desordenado da população local, sobretudo de seus Municípios principais, Macapá (capital) e Santana. Um fator a ser mencionado é que com a criação da ALCMS e a vinda do político maranhense José Sarney, a imigração intra e inter-regional foi intensificada. No primeiro caso, as pessoas vislumbraram oportunidades notadamente de emprego, enquanto que no segundo o político trouxe parte de seu parque eleitoral.

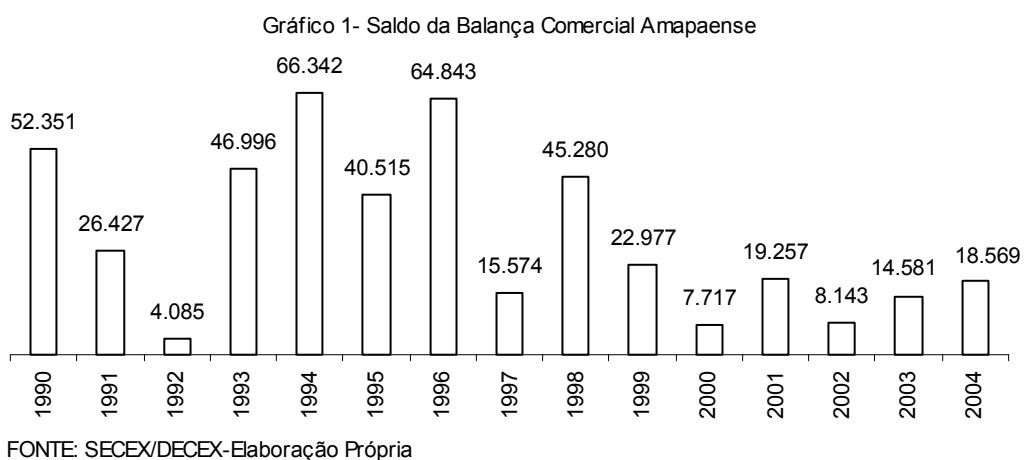
Dentre os principais parceiros do Amapá, nas importações, destacaram-se EUA, Japão, Venezuela e França, sendo que a China após 1999 passou a adquirir relativa importância. Dos EUA, Japão e China os produtos ingressados serviram principalmente para abastecer as empresas importadoras da ALCMS. Da Venezuela ocorreu a importação de grande parte dos combustíveis pela Petróleo Brasileiro S/A, Petrobrás, enquanto que da França veio basicamente água de colônia (perfume).

### *2.4 Principais produtos exportados do Amapá*

Nas exportações, de 1990 a 1995, o que determinou a configuração local foi o minério de manganês e seus derivados, como liga de ferro, tendo em ordem decrescente Espanha, Reino Unido, Estados Unidos e Argentina como os principais importadores desta *commodity*. Cavacos, palmito, camarões congelados e cromita também tiveram participação considerável. Ressalte-se que entre 1990 e 1991 o ouro (fase da garimpagem mecanizada) foi o minério que mais exportou em dólares.(PORTO, 2003, p. 138-39).

Os cavacos exportados da empresa AMCEL tiveram os mercados Asiáticos e Europeu como principais destinos. Japão e Suécia foram os principais compradores desta *commodity* neste período. Palmito teve como principais alvos EUA, França, Líbano, Espanha, Jordânia, Itália e Argentina, sendo que este primeiro país foi o principal comprador. Camarões congelados (camarão-rosa para os mercados internacionais) foram exportados para o Japão e EUA. O minério de cromo até 1994 supria essencialmente as usinas de ferrocromo da Noruega e da Suécia. A partir de então outros países passaram a importar esta matéria-prima, como Estados Unidos e Argentina.

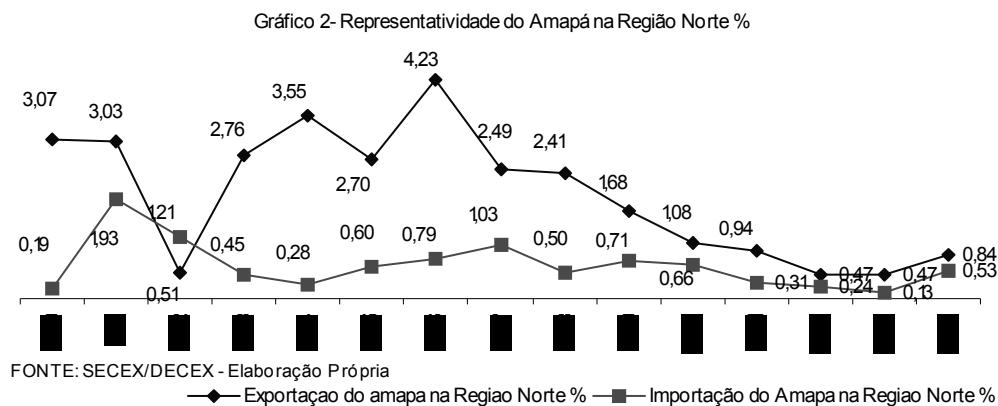
De 1996 a 2004 o que influenciou as exportações foi o remetimento de cavacos para o exterior. Em seguida destacaram-se principalmente as exportações de cromita e palmito na hierarquia de importância. A exportação de cavaco, em 1996, fez com que a empresa AMCEL arrecadasse quase 60 milhões de dólares no seu comércio com o exterior. Além deste fato, houve registro, neste ano, de exportações de derivados de manganês, correspondendo a aproximadamente 19 milhões de dólares. Juntos, esses dois produtos representaram cerca de 70% das exportações anuais, contribuindo para que o Estado do Amapá ultrapassasse a casa dos 100 milhões de dólares, o que elevou sua posição na região Norte em 1996.



### 3. Amapá no contexto regional

No contexto regional, o Amapá perdeu representatividade. Nas exportações cai de 3,07%, em 1990, para 0,84% em 2004, tendo pico em 1996 (4,23%), sobretudo pelo auge das

exportações da empresa AMCEL (Gráfico 2). Este recuo além das questões locais (declínio das exportações notadamente pela saída da Icomi e troca de cultura da empresa Amcel) se deveu ao avanço das exportações, em escala decrescente, do Pará, Amazonas, Rondônia e Tocantins. Pará teve avanço principalmente nas exportações de ferro e alumínio, Amazonas evoluiu com a ZFM, sobretudo a partir de 1998, Rondônia destacou-se com a venda de manufaturas de madeira, enquanto Tocantins avançou com as exportações de grãos de soja.



Nas importações, além da ínfima quantidade importada no contexto geral por este Estado, o crescimento das importações de Amazonas (ZFM) e Rondônia (motores a diesel) ajudaram neste perfil local apresentado.

Mesmo com essa perda de representatividade regional e declínio nas exportações locais, o Amapá busca, mesmo que ainda sejam poucas, alternativas para o fomento à cultura exportadora. Um destes casos surgiu em 1997 através do Sistema de Apoio à Micro e Pequenas Empresas, SEBRAE/AP, em parceria com o governo do Estado e outras entidades, que passou a promover uma rodada de negócios como forma de facilitar o acesso de suas Micro e Pequenas Empresas, MPE's, aos mercados internacionais e mostrar de forma mais ativa algumas potencialidades da região Norte (SILVA & PASTANA, 2005).

#### 4. Rodada Internacional de Negócios - Equinócio

De acordo com o SEBRAE/AP, este é um dos principais encontros de negócios do país no ramo de madeira e móveis, cujo evento tem por objetivo reunir num curto período de tempo (03 a 05 dias) empresas de vários países (EUA e França por exemplo) para concretização do maior número de negócios possíveis com Micro e Pequenas Empresas, MPE's..

Nas edições do Equinócio de 1997 a 2004 o Governo do Estado do Amapá contribuiu com o apoio técnico e uma parceria financeira que orbitou entre 30% e 50% do total dos custos para a realização das rodadas. Nas duas primeiras edições, 1997/1998, focalizaram os setores Agro-alimentar, Pesqueiro e Turístico. No ano de 1999 os produtos colocados em pauta foram modificados, sendo contemplado agora somente o setor de Móveis e Produtos de Madeira

Tropical. Um dos fatores indicados para esta troca foi a rigidez dos centros internacionais principalmente com questões sanitárias neste caso. No ano seguinte (2000) a inovação ficou por conta da adição do Artesanato Amazônico na rodada.

Em 2001 a realização de atividades paralelas ao EQUINÓCIO tais como: Seminários Técnicos, Salão de Móveis e Design Amazônico e a I Convenção de Presidentes dos Sindicatos Moveleiros da Região Amazônica e do Nordeste, foram as mudanças significativas.

Em 2004 a programação contou com, além da exposição de produtos e da rodada de negócios, a realização de clínicas<sup>5</sup> tecnológicas e palestras sobre as facilidades e os mecanismos mais eficientes para se exportar. Esta iniciativa foi incentivada pela realização do 86º Encomex (Encontro de Comércio Exterior) no Estado do Amapá, em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior, MDIC, paralelamente a rodada.

O ano de 2004 para a rodada de negócios merece atenção especial, pois a metodologia de avaliação do evento foi modificada em relação aos anos precedentes. Segundo Cristina Juarez, técnica da unidade de acesso a mercados do SEBRAE/AP, em 2004 uma empresa local especializada em pesquisa projetou a rodada para o mais próximo do real. De 1997 a 2003 era o próprio SEBRAE que fazia este levantamento, porém levando-se em consideração indicadores de possíveis concretizações de negócio. Um dos motivos para não se ter dados mais precisos até 2003 foi a não disponibilização destes valores por parte das empresas que participam desta rodada. A partir de 2002 dá para e fazer uma avaliação consistente destes dados, tendo em vista que o MDIC passou a disponibilizar estas informações. Como resultado se percebeu uma considerável diferença nos valores negociados e nos gastos contraídos.

No biênio 2003/2004 houve uma brutal queda nos valores registrados, por outro lado os custos para sua realização superaram em mais de 250% em comparação a 2003. Segundo Cristina Juarez, os valores de 1997 a 2003 mostram apenas o interesse almejado, enquanto que em 2004 a projeção passou a ter um caráter mais consistente, assim como os custos passaram a ser mais precisos.

Em linhas gerais, o que começou como um encontro de negócios entre empresas do Platô das Guianas e do Estado do Amapá, que queriam explorar as vantagens fronteiriças, converteu-se em uma Rodada de Negócios que, ano por ano, reuniu empresas de diferentes países e continentes e que se especializou nos setores de Madeiras e Móveis, utilizando-os estrategicamente para viabilizar a ampliação das relações comerciais internacionais do Estado do Amapá. A Tabela 2 mostra o avanço nos contatos internacionais proporcionados por esta rodada de negócios.

---

<sup>5</sup> As 56 clínicas tiveram por escopo fornecer soluções para problemas específicos de produtos e processos de exportação. Os palestrantes assim como os instrutores escolhidos são reconhecidamente especialistas na área, de acordo com o SEBRAE/AP.

EDIÇOES	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Total de empresas locais participantes	104	122	144	186	167	157	205
Empresas compradoras internacionais	45	17	19	32	25	27	38
Reuniões de Negócios	184	231	244	342	388	460	1724
FONTE: SEBRAE/AP							

Tabela 2 – Avanço do contato de empresas locais com as internacionais

## 5. Considerações Finais

Uma das principais características do globalismo é a intensificação das relações comerciais entre os principais atores mundiais, promovidas, em grande escala, pelas sucessivas inovações que passaram a integrar as relações comerciais no espaço mundial. A globalização, ao que se percebe, é das empresas, notadamente aquelas que conseguem avançar nos seus processos produtivos e com isso tornarem – se mais competitivas.

Em meio a esta organização das empresas, existem formas de se verificar o nível de competitividade de um país. Um destes mecanismos é avaliar a posição de cada um na divisão internacional do trabalho, a qual é reflexo direto das trocas comerciais internacionais destes países.

No Brasil, a região Sudeste foi a que delineou o comportamento da balança comercial brasileira na década de 1990, sendo que as menos representativas foram Centro-Oeste e Norte. Porém, mesmo com menores indicadores de representatividade, os valores registrados entre 1990 e 2004 indicam evolução destas duas últimas regiões.

No contexto regional, o Amapá apresentou declínios acentuados após 1995, por motivos internos (não mais registro de exportação de manganês e declínio nas exportações de cavacos, palmito e cromita), assim como externos (avanço de Pará, Amazonas, Rondônia e Tocantins). Acre e Roraima foram os Estados com menor participação no comércio exterior regional.

Esta região, entre 1990 e 2004, teve matérias-primas, sobretudo minérios e madeiras, como principais produtos de exportação. Entretanto, as avaliações nos dados analisados demonstram que produtos industrializados, do Estado do Amazonas, passaram a integrar a lista dos mais exportados.

No Amapá, as especializações não fugiram da característica regional. Minérios e madeiras foram os principais produtos da pauta de exportação. Por outro lado, o movimento das importações foi ínfimo, a não ser em momentos pontuais notadamente com compra de geradores de energia, mesmo com a implantação de uma Área de Livre Comércio entre seus principais municípios, Macapá e Santana.

Os produtos ingressados do exterior para abastecer as importadoras locais não influenciaram de maneira expressiva o comportamento das importações estaduais. Os momentos de maior expressividade foram registrados com a compra de máquinas para complementar a geração de energia do Estado. As empresas AMCEL, ICOMI (até 1995) e CFA foram as determinantes das exportações amapaenses. Mesmo com a queda constante nas suas vendas ao exterior, o Amapá procurou alternativas para o avanço da cultura exportadora com a elaboração da Rodada de Negócios. Esta possibilitou um contato cada vez mais intenso das MPE's amapaenses aos mercados mundiais, e mesmo não representando valores expressivos nas exportações estaduais, seus contatos facilitam futuras transações comerciais.

## 6. Referências:

- PORTE, Jadson Luiz Rebello. **Amapá: Principais Transformações Econômicas e Institucionais (1943-2000)**. Macapá: SETEC, 2003.
- ROSSETI, José Paschoal. **Introdução à economia**. 20<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- SILVA, Gutemberg de Vilhena. **Desdobramentos do comércio exterior do Amapá de 1988 a 2004**.
2005. Monografia (Especialização em Geografia) - Colegiado de Geografia. Macapá: Universidade Federal do Amapá, 2005.
- SILVA, Gutemberg de Vilhena & PASTANA, Jonas. Desenvolvimento Local: Algumas ações dinamizadoras do potencial turístico amapaense. In: **COLÓQUIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FACULDADE SEAMA, 5º. Anais...** Macapá, 2005. Macapá, 2005
- SILVA, Gutemberg de Vilhena. **GLOBALIZAÇÃO EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS**. Jornal Gazeta, 2006.
- Amapá: Relações internacionais de um Estado em construção.** In: **ENCONTRO ESTADUAL DE GEOGRAFIA, A METRÓPOLE E SUA MULTITERRITORIALIDADE, 26º Porto Alegre. Anais...** Porto Alegre: AGB-PA, 2006.